

falatu!

ISSN 3086-111X

Vol 1, N. 4, 2026

Crônicas ao redor da *mesa*





Organizadoras do volume

Patrícia Silva Rosas de Araújo DME/CE/UFPB

Fabrini Katrine da Silva Bilro DME/CE/UFPB



ISSN 3086-111X



É permitido compartilhar este material — copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato — desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC BY-NC-ND. Os conceitos, hipóteses, opiniões, conclusões e recomendações apresentadas são de inteira responsabilidade dos autores, assim como a indicação e utilização de fontes bibliográficas, iconográficas, tabelas e/ou gráficos. As ideias aqui expressas não refletem, necessariamente, a visão da Fala Tu!



Universidade Federal da Paraíba
Portal de Periódicos
EDITORA UFPB



EXPEDIENTE

Editora-chefe

PatríciaSilvaRosas de Araújo DME/CE/UFPB

Editoras adjuntas

Fabrini Katrine daSilva Bilro DME/CE/UFPB

Gilvete de Lima Gabriel DME/CE/UFPB/UFRR

Comissão Editorial

Adlene Silva Arantes | UPE

Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel | UPE

Dieison Prestes da Silveira | UFPB

Josué Carlos S. Santos | USP

Manassés Morais Xavier | UFCG

Maria Graciele de Lima | UFPB

Maria Margareth de Lima | UFPB

Maricélia Ribeiro Jorge | PMCG

Monique Alves Vitorino | UPE

Colaboração Editorial dos Estudantes| UFPB

Hugo Darlyson de Araujo Andrade

José Marcos Ramos Vital

Conselho Consultivo

Amasile Coelho L. C. Sousa | UEPB

Ana Cláudia de França | UFPE

Cícero Pedroza Silva | UFPB

Haila Ivanilda da Silva | UFPE

Isabelle de Araújo Pires | PMCG

Jéfferson Luiz B. L. Silva | UFPB

João Gilberto Farias Silva | UFPE

Josias Ferreira da Silva | UERR

Luciano Nascimento | UEPB

Maria Leogete Joca da Costa | UFRR

Maria Lúcia. F. de Figueiredo Barbosa | UFPE

Rejane Dias da Silva | UFPE

Roziane Marinho Ribeiro | UFCG

Sebastião Monteiro Oliveira | UFRR

Tânia Guedes Magalhães | UFJF

Thayana Priscila Domingos da Silva |UFPB

Vera Lúcia Chalegre de Farias |UPE

Responsável Técnico/Suporte

AldenoraGiovana da Silva | UFPB

Maria Dayane Lira Dantas | UFPB

Endereço Editorial

Fala Tu! Contato:

contatorevistafalatu@gmail.com

Centro de Educação – Universidade

Federal da Paraíba - Cidade Universitária

– Campus I CEP 58059-970

João Pessoa, PB – Brasil

Editorial

Crônicas ao redor da mesa

Crônicas ao redor da mesa não é apenas o tema deste volume. É um convite. Um convite para desacelerar, sentar-se, ouvir histórias e perceber que a literatura, quase sempre, nasce de acontecimentos aparentemente pequenos. A mesa, por sua vez, deixa de ser apenas um móvel da casa para tornar-se um espaço simbólico onde a vida acontece: onde famílias se reúnem, amizades se fortalecem, decisões são tomadas, silêncios são compartilhados e memórias encontram abrigo.

As crônicas reunidas nestas páginas revelam exatamente isso. Transformam o cotidiano em literatura. Há histórias sobre quintais, janelas, jardins, banheiros, cadeiras, mesas, louças, chuveiros, armários, xícaras de café, grades enferrujadas e tantos outros espaços e objetos que, à primeira vista, poderiam passar despercebidos. No entanto, sob o olhar sensível de quem escreve, cada detalhe revela algo muito maior: as relações familiares, os desafios da vida adulta, as lembranças da infância, as perdas, os recomeços, o humor, a saudade e a esperança.

Ao percorrer estas páginas, o leitor perceberá que nenhuma casa é feita apenas de paredes. Cada lar guarda vozes, cheiros, gestos e pequenos rituais que permanecem vivos muito depois de o tempo passar. O aroma do café recém-passado, o barulho da panela na cozinha ou o silêncio compartilhado entre pessoas queridas tornam-se matéria da escrita porque também são matéria da vida.

As crônicas que compõem este volume foram produzidas por estudantes do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, na disciplina Linguagem e Interação (turno noturno), durante o semestre 2026.1. São textos que revelam autores em processo de formação, experimentando a escrita como espaço de criação, escuta, reflexão e diálogo com o mundo. Em cada narrativa há escolhas, descobertas, sensibilidades e vozes que começam a encontrar seu lugar.

Mas esta edição também convida o leitor a olhar para outro tipo de mesa: a sala de aula.

Se a mesa da cozinha reúne famílias, a mesa da universidade reúne perguntas. Em torno dela também compartilhamos descobertas, dúvidas, leituras, debates e experiências que, pouco a pouco, transformam nossa maneira de compreender o mundo. Aprender, afinal, também é um acontecimento cotidiano. E, como todo acontecimento significativo, merece ser narrado.

Todos os dias, estudantes assistem a aulas, leem textos, participam de debates, escrevem trabalhos e constroem conhecimentos que, muitas vezes, desaparecem na velocidade da rotina. Com o passar do tempo, permanecem apenas fragmentos: um conceito, uma atividade, uma página do livro ou uma lembrança difusa da aula. Isso acontece porque aprender não depende apenas do contato com o conhecimento, mas também da capacidade de reconhecermos o que aconteceu conosco durante esse encontro.



É por isso que esta edição apresenta, pela primeira vez, as Crônicas de Aprendizagem. Mais do que um gênero dentro da revista, constituem uma metodologia de aprendizagem baseada na narração da própria experiência. Seu propósito é convidar o estudante a revisitar o percurso que realizou, percebendo não apenas o que aprendeu, mas como aprendeu, quais dúvidas enfrentou, que descobertas fez, que relações estabeleceu e de que maneira esse conhecimento passou a fazer sentido em sua própria história.

As Crônicas de Aprendizagem não são resumos, relatórios ou registros burocráticos da aula. Também não pretendem medir a quantidade de conteúdos memorizados. São narrativas literárias em que o estudante transforma sua experiência de aprender em reflexão. Mais do que registrar o conteúdo estudado, elas revelam a memória, a consciência do aprender e os sentidos construídos ao longo do processo de aprendizagem. Seu foco não está apenas no que foi aprendido, mas no caminho percorrido, nas descobertas, nas dúvidas, nas emoções e nas transformações que deram sentido ao conhecimento.

Nesta edição, publicamos duas dessas narrativas inaugurais. A primeira apresenta a história de aprendizagem de Patrícia Rosas durante o mestrado, na disciplina Leituras Discursivas, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB), e suas inquietações como leitora do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. A segunda narra as aprendizagens de Maricélia Jorge e Golbery Rodrigues na disciplina Tópicos Especiais em Teoria Dialógica da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCG), quando se deparam, na página 130 do livro de Volóchinov, com uma frase que parece “travar” a leitura. Essas crônicas não são modelos prontos nem fórmulas a serem repetidas. São exemplos de uma escrita que nasce da experiência, da reflexão e da consciência de que aprender também é construir memória.

Nesta edição, também contamos, mais uma vez, com a participação das crianças da Brinquedoteca, do Centro de Educação da UFPB. Inspiradas pela história de Alice no País das Maravilhas, elas produziram ilustrações sobre o tema Café ao redor da mesa, recriando, por meio do desenho, encontros familiares. A Brinquedoteca, laboratório do curso de Pedagogia, transforma o brincar em aprendizagem, articulando teoria e prática e promovendo experiências que contribuem tanto para a formação dos graduandos quanto para o desenvolvimento integral das crianças.

Assim, esta revista reúne diferentes formas de narrar a experiência. As crianças desenham. Os estudantes escrevem. A literatura faz a ponte entre essas linguagens, mostrando que aprender, imaginar, recordar e criar são movimentos que caminham juntos.

Convidamos você a ocupar um lugar nesta mesa.

Sirva-se das histórias, das memórias, das aprendizagens e dos afetos que atravessam estas páginas. Permita que elas despertem suas próprias lembranças e talvez também suas próprias perguntas. Afinal, às vezes, basta uma xícara de café para que a memória encontre palavras. E basta uma boa história para que a aprendizagem permaneça conosco muito depois de a leitura terminar.

SUMÁRIO

Entre caixas e saudade	Aline Bruna Pereira Tomás	09
O velho lugar de descanso	Ana Beatriz Daniel de Melo	10
Louça na pia	Ana Cláudia Nunes Martins	11
O quintal de todas as manhãs	Andressa Trajano dos Santos Martins de Farias	13
Minha casa é feita de pedaços	Beatriz Florentino Avelino	14
O terror veio pela janela	Camila Letícia da Silva Brito	15
Cadeiras na calçada	Gessiândia de Cássia Siqueira	16
Do outro lado da parede	Gillary Renaly da Silva	18
A rua sem a sua risada	Giulia Silva Almeida	19
O jardim de casa	Gilvan Alves Florêncio	20
A mesa quebrada	Jamilly Batista Chaves	22
O tempo de Heleninha	Julia Castilho Diniz	23
O cantinho da bagunça	Letícia Calixta Marques	25
O que a janela viu	Ligia Nicole Gonçalves Lins	27
O botijão de gás	Luana Karolline Gonçalo Barbosa	28
Tragédia sanitária	Luana Maria Pessoa Maia	29
A mesa lá de casa	Marcia Vitória Gomes do Nascimento	32
As agentes secretas da calçada	Maria Jaqueline do Nascimento Lima	34
O lugar das coisas	Maria Vitória Borges da Silva	35
Cinco centímetros	Paloma Antônia da Silva Andrade	37
O silêncio das primeiras horas	Raphaela Vitória Medeiros Alves	38
O que fica no chão?	Raianne Maria Oliveira Silva	39
Entre ferrugem e entardecer	Rita de Cássia Pereira Lopes	41
Debaixo do chuveiro	Whuolacyr Gomes	42
MONITORAS		
O armário que desalinhou os chakras da casa	Maria Dayane Lira Dantas	44
Uma noite e um café	Aldenora Giovana da Silva	46
ESPECIAL • CRÔNICAS DE APRENDIZAGEM		
A festa de renovação do conto "Pai contra mãe" de Machado de Assis	Patrícia Rosas	51
A Página 130		58
Maricélia Ribeiro Jorge & Golbery de Oliveira Chagas Aguiar Rodrigues		





ENTRE CAIXAS E SAUDADE

Aline Bruna Pereira Tomás

A mudança começou num sábado chuvoso de agosto, quando as caixas ainda estavam empilhadas no meio do quarto e o cheiro de tinta nova ocupava a casa. Enquanto observava aquele lugar desconhecido, senti um aperto no peito. Eu deixava para trás muito mais do que uma casa.

Naquela semana, senti falta do corredor onde ficava ouvindo as risadas dos meus primos. Sentia falta do perfume do café que vinha da cozinha da minha tia todo fim de tarde e das conversas que preenchiam a mesa da cozinha. Tudo aquilo fazia parte da minha rotina e, de repente, parecia distante.

Nos primeiros dias, a casa nova era apenas silêncio. Eu caminhava pelos quartos ainda vazios e tinha a sensação de não pertencer àquele lugar. A mudança parecia uma rejeição, como se eu estivesse sendo afastada de tudo o que conhecia.

Mas, com o passar dos dias, algumas coisas começaram a mudar. O som do portão abrindo já não parecia tão estranho. O quintal silencioso passou a ser um lugar onde eu gostava de ficar observando o fim da tarde. As caixas foram desaparecendo, os objetos ganharam seus lugares e, pouco a pouco, a casa começou a contar uma nova história.

Foi então que percebi que um lar não nasce pronto. Ele se constrói aos poucos, entre lembranças, saudades e novos começos. E debaixo do peso dessa saudade, que deixei para trás, encontrei, enfim, um lugar que também era meu.

O VELHO LUGAR DE DESCANSO

Ana Beatriz Daniel De Melo

Era o fim de tarde de uma sexta-feira exaustiva de 2026. A chuva resolveu cair justamente quando o corpo já não aguentava mais o peso da semana. Passei o dia trabalhando, resolvendo pendências, respondendo mensagens e tentando dar conta de tudo. Quando finalmente deixei o trabalho, ainda enfrentei o trânsito até chegar em casa, no bairro vizinho. Enquanto os carros avançavam lentamente pelas ruas molhadas, eu só conseguia pensar em uma coisa: aquele velho lugar de descanso que me esperava na sala.

Não era um desejo exagerado. Era quase uma necessidade. Eu não pensava em televisão, celular ou conversa. Pensava apenas naquele canto simples da casa, com a manta provavelmente torta e escorrendo por um dos lados, como sempre. Naquele momento, parecia o melhor lugar do mundo.

Quando cheguei, a casa tinha aquele clima que só os dias chuvosos conseguem criar. Tirei os sapatos, deixei as coisas em qualquer canto e fui direto para a sala, como quem finalmente encontra um abrigo depois de uma longa caminhada. Sentei-me ali e senti o corpo entender antes de mim: finalmente, descanso.

É curioso como algumas coisas comuns ganham outro significado quando estamos cansados. Aquele lugar, que em tantos outros dias é apenas parte da mobília da casa, naquela sexta-feira virou colo, pausa e refúgio. Era como se dissesse silenciosamente: “pronto, agora você pode parar um pouco”.

Fiquei ouvindo a chuva bater lá fora e sentindo aquele alívio pequeno, mas tão necessário. Às vezes, a felicidade não está nos grandes acontecimentos. Às vezes, ela está apenas em voltar para casa depois de uma semana corrida, encontrar o seu lugar preferido e permitir que o mundo espere mais um pouquinho.

Naquela sexta-feira, não encontrei apenas um móvel na sala. Encontrei descanso em forma de lugar.

LOUÇA NA PIA

Ana Cláudia Nunes Martins

Numa terça-feira qualquer, assim que cheguei do trabalho, encontrei a pia cheia outra vez. Copos espalhados, panela no fogão, pratos acumulados desde o dia anterior. Durante muito tempo, isso teria sido suficiente para acabar com meu humor.

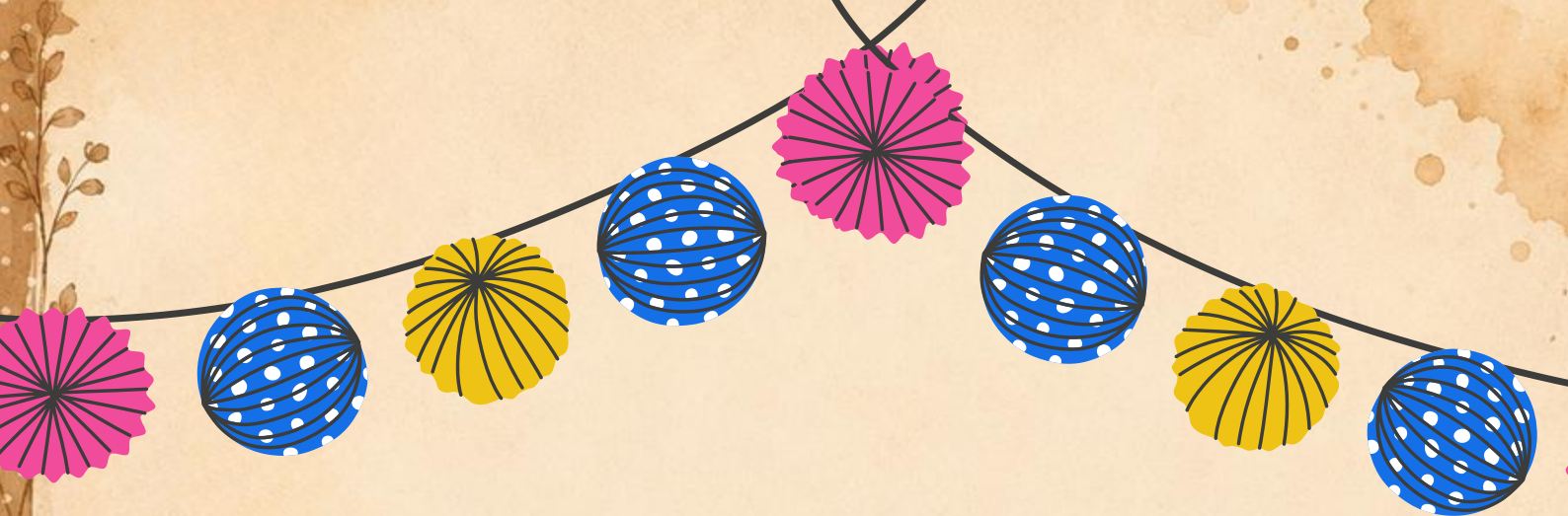
Já dividi casa com muita gente, e a louça suja sempre foi motivo de irritação. Não era exatamente pelos pratos ou pelas panelas, mas pela sensação de descuido, como se a bagunça dissesse silenciosamente: “não existe cuidado aqui”.

Tentamos de tudo ao longo dos anos. O clássico “cada um lava a sua louça”, as escalas improvisadas na porta da geladeira, o famoso “lavou, guardou”. Nenhuma estratégia durava muito tempo. Sempre havia alguém atrasado, cansado ou simplesmente esquecendo. E eu me irritava mais do que gostaria.

Hoje moro com minha melhor amiga. A louça continua aparecendo na pia. Às vezes passa mais tempo ali do que deveria. Mas, curiosamente, isso já não pesa da mesma forma. Muitas vezes eu lavo as coisas dela sem transformar aquilo num problema, porque sei que, em outro dia qualquer, ela fará o mesmo por mim, ou porque uma louça lavada faz um afago especial. O cuidado se mostra notável.

Com o tempo, percebi que há pessoas capazes de tornar leves até mesmo os pequenos desgastes da convivência. Quando há parceria e afeto, até a pia cheia parece menos importante.

No fim das contas, dividir a vida com alguém talvez seja isso: encontrar quem faça os incômodos cotidianos perderem tamanho diante da tranquilidade de estar junto.



Maria Júlia Miranda de Santana

Brinquedoteca CE|UFPB



O QUINTAL DE TODAS AS MANHÃS

Andressa Trajano dos Santos Martins de Farias

Hoje observei meu quintal mais uma vez, numa manhã de maio. É quase um ritual: antes mesmo de pensar no que o dia me reserva, os olhos procuram aquele pedaço de casa, como se precisassem conferir que tudo continua ali.

A parte coberta permanece a mesma: a pia, os baldes cheios de água, o chão ainda úmido da chuva da noite anterior. Mais ao fundo, a areia conserva as marcas do inverno e da passagem do tempo. Foi olhando demoradamente para esse cenário que percebi uma coisa curiosa: embora o quintal pareça o mesmo de sempre, ele mudou junto comigo.

Quando eu era criança, havia cercas improvisadas, arames farpados e, logo ao lado, o quintal da vizinha. Eu passava as tardes brincando com a filha dela entre gatos, galinhas, brinquedos espalhados e pés de hortelã que cresciam junto às flores nascidas do chão.

Hoje, quase nada disso existe. A vizinha se mudou há alguns anos. A filha dela cresceu. Os arames deram lugar aos muros de tijolos e, atrás da minha casa, ergueu-se uma construção de dois andares que esconde parte do céu que eu costumava enxergar inteiro.

Talvez o quintal tenha encolhido. Ou talvez tenha sido o mundo ao redor que ocupou o espaço. Estamos mais protegidos entre tantos muros, é verdade, mas às vezes penso que eles levaram embora um pouco da liberdade que havia ali, junto com o brilho do sol que entrava sem pedir licença. Ainda assim, aquele lugar continua enorme dentro de mim.

A terra continua úmida depois da chuva. Alguns matos insistem em nascer pelos cantos. De vez em quando aparecem gatos. Os passarinhos ainda fazem ninho no silêncio das manhãs. E talvez seja justamente isso o que permanece: não o quintal de antes, mas a sensação que ele deixou em mim. À medida que eu crescia, ele também se transformava, acompanhando, em silêncio, a passagem do tempo.

Passei por dias felizes e por outros difíceis. Dias de muito sol e dias de chuva pesada. De algum modo, aquele pedaço da casa assistiu a tudo sem dizer uma palavra. Talvez nem a paisagem permaneça para sempre. Os muros podem crescer, as casas mudam, o espaço encolhe. Mas o quintal da minha infância continua existindo inteiro no único lugar onde o tempo ainda não conseguiu construir muros: a memória.

MINHA CASA É FEITA DE PEDAÇOS

Beatriz Florentino Avelino

No verão de 2025, quando meu quarto estava em reforma, meu pai e eu decidimos colocar a cama na parte de cima, bem perto do teto. Só havia um problema: o ventilador não alcançava lá em cima e eu acabaria fritando no calor, quase como uma cabine caseira de bronzeamento artificial. Por sorte, a solução foi simples: colocar o ventilador dentro de uma cadeira e pendurá-lo no teto, temporariamente. Claro que, como toda gambiarra brasileira, o temporário acabou durando um bom tempo.

Foi olhando para aquela improvisação que percebi que minha casa parece ser feita de pedaços. Tem uma coisa adaptada aqui, outra improvisada ali e algumas que parecem verdadeiros enigmas para funcionar. Mas eu prefiro dizer que ela é gerenciada por "mentes criativas", ou, como muita gente conhece, pelo famoso jeitinho brasileiro.

Tem quem olhe para isso e chame de "muquiranice" ou associe à pobreza. Eu prefiro chamar de economia. Se existe uma solução e minha mente criativa consegue encontrá-la, por que gastar dinheiro com coisas que, hoje em dia, parecem quebrar só de olhar?

Às vezes, tenho a impressão de que compramos um produto e levamos junto uma caixinha de problemas surpresa. Claro, há situações em que realmente precisamos tirar o peixe do bolso e pagar, mesmo com aperto no coração. Afinal, nem toda gambiarra consegue salvar o mundo.

Meu pai, às vezes, acaba se conformando com as próprias gambiarras e até se orgulha delas, pelo menos até minha mãe aparecer, dar um puxão de orelha e colocar tudo no eixo.

Eu, pelo menos, fico feliz por ter aprendido, desde cedo, a arte de inventar. Nem sempre podemos ter tudo na hora em que queremos, e qual é o problema nisso? Às vezes, vale mais a pena deixar a criatividade trabalhar, adaptar, consertar e fazer as coisas com as próprias mãos.

No fim das contas, fico pensando se as pessoas realmente precisam de tudo o que compram ou se apenas se acostumaram ao imediatismo e ao desejo constante de ter. Porque, pelo menos aqui em casa, antes de qualquer compra, a primeira pergunta quase sempre é a mesma: "Será que dá para consertar?"

O TERROR VEIO PELA JANELA

Camila Letícia da Silva Brito

Na última quinta-feira, depois do jantar, eu tinha acabado de tomar banho e estava sentada no sofá da sala assistindo televisão. A noite estava tranquila, até que ouvi um barulho estranho vindo da cortina da janela do meu quarto. Era um som alto, vibrante e contínuo, como se alguma coisa estivesse tentando entrar. E conseguiu. Levei um susto enorme e dei um grito.

Logo percebi que era uma cigarra, mas isso não diminuiu em nada o meu medo. O inseto voava de um lado para o outro sem direção, batendo nas paredes e fazendo aquele barulho assustador. Para piorar, parecia que, por onde eu corria para fugir, ela vinha atrás de mim. Meu esposo estava em outro cômodo da casa. Quando ouviu meus gritos e a correria, veio rapidamente ver o que estava acontecendo. No mesmo instante em que ele entrou no quarto, eu saí e tranquei a porta, deixando que ele resolvesse sozinho o problema com a visitante inesperada. Depois de alguns minutos, o barulho parou. A casa ficou em silêncio, mas eu ainda não tinha coragem de sair. Peguei um lençol, me enrolei toda e deixei apenas o rosto de fora para observar a situação.

Quando finalmente tomei coragem e abri a porta, encontrei meu esposo segurando a cigarra na mão, esperando apenas que eu aparecesse para mostrar o bicho que tinha causado toda aquela confusão. Em seguida, ele levou a cigarra para fora pelo mesmo lugar por onde ela havia entrado: a janela. A tranquilidade voltou para a casa, mas meu coração demorou bem mais tempo para se acalmar.

Depois disso, fiquei pensando em como algo tão pequeno e inofensivo pode provocar tanto medo. Às vezes, fazemos o mesmo com situações do dia a dia. Permitimos que coisas supérfluas, sentimentos, pensamentos intrusivos ou pequenos problemas ocupem espaço demais em nossa mente e acabem roubando nossa paz. Assim como a cigarra daquela noite, muitas vezes o que nos assusta é menor do que imaginamos.

CADEIRAS NA CALÇADA

Gessirlândia de Cássia Siqueira

Em Conceição de Piancó, interior da Paraíba, o fim da tarde não chega de repente. Ele vai se derramando devagarinho sobre as ruas de barro, esfriando o calor das paredes, pintando de dourado as calçadas e chamando o povo pra fora de casa. É quase um convite silencioso.

As ruas começam a se encher de vozes e aí surge o verdadeiro ritual sertanejo: as cadeiras na calçada. Uma aqui, outra acolá. Cadeira de plástico já meio torta, cadeira de balanço herdada da avó, banco improvisado de madeira. Cada casa arrasta a sua cadeira para a frente da porta como quem prepara o terreiro para uma festa simples. E talvez seja mesmo. Porque conversar no sertão sempre foi um jeito bonito de celebrar a vida. As ruas começam a se encher de vozes nessa hora.

Dona Maria pergunta se o menino de Joana melhorou da gripe. Seu Antônio fala da chuva que talvez venha pela nascente. Alguém comenta da novela, outro lembra de um tempo antigo que ninguém viveu igual, mas todo mundo escuta como se tivesse vivido também. As crianças correm descalças, inventando mundos entre uma casa e outra. O cheiro do café fresco escapa das cozinhas. Um rádio toca baixinho um forró antigo. E os mais velhos observam tudo com aquela calma que só quem aprendeu a viver sem pressa consegue ter.

Hoje, quase ninguém se senta mais na calçada. O mundo correu depressa demais. As conversas foram morar dentro dos celulares, e as portas passaram a se fechar cedo demais. No sertão, porém, ainda há resistência. Existem ruas onde o entardecer continua reunindo os vizinhos como antigamente, onde uma cadeira na calçada vale mais do que qualquer rede social, porque ali a felicidade parece caber nas coisas mais simples.

Talvez o sertão tenha preservado uma das lições mais bonitas da vida: a felicidade não precisa de luxo. Às vezes, ela mora justamente ali, numa cadeira colocada à porta de casa, enquanto o céu muda de cor e alguém, sem pressa, pergunta: "E as novidades?"

Mariana Luján Rosas Araújo

Brinquedoteca CE|UFPB



DO OUTRO LADO DA PAREDE

Gillany Renaly da Silva

Ultimamente, do outro lado da parede, o barulho de crianças se repete. Voz alta. Choro. Porta batendo. Não existe pausa nem silêncio suficiente para esquecer que aquilo continua acontecendo ali, tão perto. O barulho atravessa a parede e se instala dentro da casa da gente.

Dizem que ela ficou com os netos e chamam isso de boa ação. Não tenho certeza. Dizem que, pelo menos, eles têm uma casa, como se um teto fosse o mesmo que cuidado. Mas eu fico pensando que tipo de casa é essa?! Porque casa, para mim, nunca foi apenas parede em pé.

Já chamaram ajuda algumas vezes. A ajuda veio, observou durante alguns minutos e foi embora. Não houve escuta ativa. Não permaneceu. Não resolveu. Achou insuficiente apenas o grito da criança.

Às vezes, estou na cozinha tomando café. Espero um pouco e o café vai esfriando devagar. Do outro lado da parede, o barulho incomoda. Sempre incomodou.

É triste saber que há crianças aprendendo sobre a vida por meio da violência. Do lado de fora, permanece um silêncio pesado: adultos que veem tudo, sabem de tudo e, ainda assim, seguem a vida como se nada pudesse ser feito. Penso que a violência não mora apenas na casa de onde vêm os gritos. Ela também se esconde no silêncio de quem escuta, fecha a porta e segue o próprio caminho.

A RUA SEM A SUA RISADA

Giulia Silva Almeida

A rua onde moro sempre pareceu ter vida própria. Da janela de casa, eu acompanhava a rotina pelos sons: o cachorro do vizinho, a vassoura riscando a calçada, uma televisão ligada ao longe e as conversas que atravessavam o fim da tarde.

Mas, entre todos esses sons, havia um que chamava mais atenção. Era a risada de uma vizinha que morava do outro lado da rua. Ela tinha uma gargalhada tão alta que podia ser ouvida de longe. Mesmo sem vê-la, era possível saber que ela estava ali. Durante muito tempo, aquela risada fez parte dos meus dias. Às vezes eu estava dentro de casa e a escutava conversando com alguém ou rindo de alguma situação. Era algo tão comum que eu nunca parei para pensar na importância daquela presença.

Com o passar do tempo, ela adoeceu. Depois de uma luta contra o câncer, faleceu. Foi então que percebi algo que nunca havia imaginado: a rua também sente ausências.

Os carros continuam passando, as pessoas seguem suas rotinas e as casas permanecem no mesmo lugar. Por fora, tudo parecia igual. Mas, para mim, havia alguma coisa diferente. Faltava um som que durante anos fez parte daquele ambiente.

O silêncio que ficou depois da sua partida parecia maior do que antes. Não era apenas a falta de uma voz. Era a ausência de uma presença que ajudava a dar vida àquela rua. Desde então, tenho prestado mais atenção às pequenas coisas do cotidiano. Muitas vezes, só percebemos o valor de certos momentos quando eles deixam de acontecer. Uma conversa, um cumprimento, uma risada atravessando a rua.

Hoje, quando olho pela janela, ainda me lembro dela. E, de alguma forma, sua gargalhada continua fazendo parte das minhas lembranças, ocupando um espaço que o silêncio nunca conseguiu preencher.

O JARDIM DE CASA

Gilvan Alves Florêncio

Todas as tardes, quando chego cansado do trabalho, passo alguns minutos olhando as plantas do jardim de casa. É um lugar de harmonia, silêncio e acolhimento. Entre o verde das folhas e o colorido das flores, sinto que o cansaço vai desaparecendo aos poucos.

Logo na entrada, a rosa-do-deserto brilha exuberante. Com seu tronco grosso e suas flores delicadas, parece uma escultura viva. As orquídeas se penduram onde encontram espaço, como se soubessem exatamente onde a beleza deve florescer. Ao lado delas, a chuva-de-prata dança suavemente ao vento, enquanto o lírio-da-paz abre suas folhas num gesto silencioso de acolhimento.

Nos finais de semana, eu e minha esposa temos a tarefa de cuidar do jardim. Limpar os vasos, tirar as ervas daninhas, expulsar os invasores que destroem as plantas; regar, limpar. Quando penso que sou eu quem cuida do jardim, são as plantas que cuidam de todos nós que moramos na casa.

Ângelo Delmar Rosas Araújo
Brinquedoteca CE|UFPB



A MESA QUEBRADA

Jamilly Batista Chaves

Depois de um dia inteiro de trabalho, tudo o que eu queria era chegar em casa e descansar. Eu e meu namorado voltamos cansados quando, ao abrir a porta, encontramos a mesa de vidro da sala quebrada. Havia poucos cacos espalhados pelo chão, mas o suficiente para nos deixar sem entender o que havia acontecido.

Enquanto observava aquela cena estranha, pensei em quantas coisas também se quebram silenciosamente dentro de uma casa. Nem sempre são objetos. Muitas vezes, são mulheres que, além do trabalho fora de casa, continuam responsáveis pela limpeza, pela organização e pelos cuidados com a família. Tarefas que costumam ser vistas como naturais, mas que exigem tempo, esforço e dedicação.

Enquanto recolhia os pedaços de vidro, lembrei-me de histórias de mulheres que vivem relacionamentos marcados pela violência. Algumas sofrem agressões físicas; outras enfrentam humilhações, ameaças e controle constante. Assim como uma rachadura quase invisível em uma mesa, esses sinais costumam ser ignorados até que a situação se torne irreversível.

Foi impossível não pensar nas notícias de feminicídio que aparecem diariamente. Muitas vezes, a sociedade se surpreende quando uma tragédia acontece, mas esquece que ela costuma ser o resultado de pequenas violências acumuladas ao longo do tempo. O que se quebra não é apenas uma relação, mas sonhos, histórias e vidas inteiras.

Enquanto recolhia os cacos da mesa, pensei que o vidro ainda pode ser substituído. Alguns relacionamentos, porém, quando se quebram pela violência, jamais poderão ser reconstruídos.

O TEMPO DE HELENINHA

Julia Castilho Diniz

Quatro e meia da manhã já ouço: "Mama". É a Helena. Quando não chama, me dá cabeçadas, puxa minha blusa e chora na tentativa de me acordar. É o verdadeiro despertador da minha vida há um ano e três meses. Demoro a levantar. Espero que ela durma mais um pouquinho, porque quatro horas de sono não são suficientes para encarar o dia.

Enquanto isso, meu companheiro e pai da Helena se prepara para enfrentar a rotina lá fora. Dá um nó na gravata para passar o dia em frente a uma tela de computador. Sinto o cheiro do café, mas o cansaço é maior e me impede de levantar enquanto ele ainda está em casa. Então ele vai, e eu encaro o dia daqui de dentro.

Crio coragem e levanto. Heleninha não pode esperar. Abro a cortina da varanda e a mata me cumprimenta. É uma dualidade: as paredes nos cercam, mas existe essa imensidão logo ali, do lado de fora. Costumo segurá-la no colo para observar os pássaros e sentir, junto com ela, o ar fresco que chega até a nossa varanda.

A manhã não é feita apenas desses instantes. Ela é, sobretudo, de gestão. Cuidar da casa e de uma criança dessa idade é viver em um fuso horário próprio. Na verdade, muito mais no fuso de Heleninha do que no meu. As tarefas se multiplicam, assim como os pelos dos gatos no sofá, apesar de reclamarmos todos os dias para que eles não durmam ali.

E assim o dia começa. Ligo a máquina de lavar. Na hora de estender as roupas, ela parece querer ajudar: pega uma peça de cada vez, estende a mão e diz "dá". Eu pego e agradeço. Depois vem a limpeza da casa, indispensável todos os dias. Varro, passo pano e organizo os brinquedos — pelo menos até ela decidir espalhá-los de novo. No meio dos afazeres, Heleninha chora, quer colo, mama e sente sono. Então largo tudo o que estou fazendo para atendê-la.

Quando Heleninha dorme, coloco-a na cama e corro para a cozinha. É a hora de fazer o almoço.

Ufa! Deu tempo. Ela acordou e o almoço estava pronto. Coloco-a na cadeirinha, ofereço a comida. Ela não quer. Insisto mais uma vez e, finalmente, dá certo. Comeu tudo. Minha vez? Ainda não. É hora do banho da Helena. Encho a banheira e ela fica ali por um tempo, brincando como se estivesse em um parque aquático. Diversão sem fim.

Só depois do banho de Helena chega a vez de a mãe almoçar. O que antes era um momento de pausa já não existe mais. Sempre lembro de quando conseguia saborear a comida no meu tempo, sem pressa. Agora é engolindo mesmo, mas faz parte.

Depois da refeição no modo turbo, corro para me arrumar. Levo Heleninha para a casa da avó, onde ela fica até eu voltar do estágio. Mesmo cansada, vou. Não tem outro jeito. É hora de ir para a aula.

Chego à UFPB como quem não queria estar ali. E por quê? Porque o cansaço é grande, pesado, daqueles que doem no corpo. Permanecer na universidade em meio a tudo isso parece, às vezes, um exercício de equilibrar pratos invisíveis. Mas a paciência e a insistência, mesmo depois de tantas tentativas de desistir, me fazem continuar. Penso comigo: "Eu aguento mais um período." Falta pouco. Ou, pelo menos, gosto de acreditar que falta.

As noites de aula na UFPB parecem não passar. É o cansaço acumulado cobrando o preço. Penso em Helena, na rotina e no quanto eu só queria conseguir descansar um pouco, sem parecer egoísta por isso. Mas a cobrança que faço a mim mesma sempre vence esses pensamentos.

A aula termina, mas a jornada continua. Vou buscar Helena na casa da avó. Quando a pego no colo, meu corpo já cambaleia de exaustão, mas o peso dela é o que me mantém de pé. Voltamos para casa. Agora, resta esperar o pai chegar para dividirmos os últimos fôlegos da noite e, finalmente, encerrar o dia.

Olho ao redor antes de apagar as luzes. Sei que, amanhã, às quatro e meia da manhã, tudo vai recomeçar. O ciclo se repetirá. Enquanto ajeito o lençol de Heleninha, porém, penso que existe um lado bonito em tudo isso. Há uma beleza silenciosa na nossa correria: acompanhar o crescimento dela de perto, reconhecer a nossa resistência e ter a certeza de que cada degrau que subo na UFPB ajuda a construir o futuro que sonhamos para nós. No fim das contas, todo esse cansaço também é a prova de que estamos vivendo e construindo algo real.

O CANTINHO DA BAGUNÇA

Letícia Calixta Marques

Aqui em casa tem um cantinho onde guardamos tudo o que já não utilizamos mais. Tem tomadas, fios, parafusos, torneiras velhas e até pedaços de cano. Há coisas que nem sei para que servem. Sempre que penso em jogar alguma delas fora, meu marido diz a mesma frase:

— Não joga, porque um dia isso pode servir.

Talvez sirva mesmo. Quem sabe?

O problema é que aquele espaço vive uma bagunça. Às vezes peço para ele organizar tudo, mas responde que já está organizado. Quando olho, porém, só enxergo desordem: parafusos enferrujados, fios espalhados e um monte de coisas que, para mim, já perderam a utilidade.

Há poucos dias, meu armário começou a balançar porque um parafuso tinha caído. Foi aquele reboião. Procuramos pela casa inteira e nada de encontrá-lo. Até que, no meio daquele canto cheio de coisas acumuladas, apareceu um parafuso exatamente igual ao que havia sumido. Eu nem acreditei. Meu marido apenas olhou para mim com a expressão de quem acabara de vencer uma discussão histórica.

— Tá vendo? Se eu não tivesse guardado, você teria que comprar outro.

Naquela hora, fiquei sem argumentos. Mesmo assim, não vou mentir: se dependesse de mim, esse cantinho nem existiria. Quando precisássemos de alguma coisa, bastaria ir até a loja e comprar, em vez de passar anos esperando o dia em que um objeto esquecido finalmente teria utilidade.

Mas acho curioso como cada pessoa escolhe guardar coisas diferentes. Tem gente que guarda dinheiro. Tem gente que guarda lembranças. Meu marido guarda parafusos, fios e peças que, segundo ele, "ainda podem servir". Para ele, aquele cantinho é um lugar onde ficam objetos que um dia serão reutilizados. Para mim, continua sendo apenas um espaço desorganizado. De vez em quando, ele até pede que eu organize tudo, mas eu já aviso que posso acabar jogando alguma coisa fora. Para evitar discussão, prefiro nem mexer. Deixo aquele canto do jeito que está, com seus objetos que, para ele, são quase tesouros e que, para mim, continuam sendo apenas coisas velhas.

Talvez, no fundo, aquele cantinho fale menos dos objetos guardados e mais da esperança de que, um dia, tudo ainda possa ter alguma utilidade.



Aylla Rebeca Santos Paulino
Brinquedoteca CE|UFPB



O QUE A JANELA VIU

Lígia Nicole Gonçalves Lins

Durante muito tempo, a janela do meu quarto conheceu uma versão de mim que vivia esperando. No fim das tardes, eu ficava olhando a rua como se alguma coisa pudesse mudar de repente. Qualquer barulho de carro, uma notificação no celular ou passos do lado de fora já eram suficientes para despertar esperança.

A janela me viu feliz algumas vezes, distraída em outras, mas também me viu presa à espera de alguém que tantas vezes foi embora e voltou. A cada término, eu acreditava que, quando ele voltasse, tudo ficaria bem de novo. Sem perceber, fui colocando minha felicidade nas mãos de outra pessoa.

Enquanto eu esperava uma mensagem, uma ligação ou alguma demonstração de carinho, a vida continuava acontecendo do lado de fora. As pessoas passavam, os dias mudavam, o céu escurecia e amanhecia outra vez.

E eu permanecia ali, parada.

Hoje, ainda gosto de olhar pela janela, mas de um jeito diferente. Não espero mais que alguém apareça para resolver os meus sentimentos. Agora olho para fora tentando entender melhor a mim mesma, como quem aprende, aos poucos, a gostar da própria companhia.

Talvez crescer seja isso: perceber que a vida continua acontecendo lá fora, mas que ela também precisa acontecer dentro da gente.

O BOTIJÃO DE GÁS

Luana Karolline Gonçalo Barbosa

Quando eu era criança, ao lado de casa havia uma descida. Não era uma ladeira íngreme, dessas que assustam, mas uma suave, de terra, perfeita para ganhar embalo. Era ali que Mainha me colocava na bicicleta e anunciava, com muita convicção: “Hoje você vai aprender.”

O mais curioso disso tudo é que ela ensinou todo mundo do mesmo jeito. Transmitia uma segurança tão genuína que a gente jamais desconfiava. Mainha segurava firme na sela, dava aquele empurrãozinho estratégico e saía correndo ao lado, repetindo, sem fôlego: “Tô aqui, tô aqui, pode ir!!!” E eu acreditava. Criança acredita fácil, principalmente quando é a mãe falando. Claro que tinha as quedas, de praxe, mas ela dizia: “Levanta-se e vamos de novo!!!”

O que eu não sabia é que Mainha nunca soube andar de bicicleta. Ela segurava a sela, mas o equilíbrio era todo meu. Ela corria ao lado, mas a segurança era toda dela.

Hoje eu cresci. Moro longe da minha cidade, tentando manter o equilíbrio do guidom da vida por conta própria, e confesso que, às vezes, a firmeza me falta. Nessas horas, tudo o que eu queria era o colo de Mainha. É como se, naquele colo, não houvesse tombo que doesse de verdade, do mesmo jeito que eu achava quando pequena, quando acreditava que mães não ficavam doentes, porque eram elas que cuidavam de tudo e de todos.

De vez em quando, num acesso de saudade, sinto vontade de voltar para aquela descida. Para aquele tempo em que o meu maior medo era ralar o joelho ou não dar conta da curva. Mas, já que não dá para voltar, me contento com o que a distância permite. Por isso, nas chamadas recentes do meu celular, só tem ela: Mainha. Porque toda hora é boa hora para ouvir a voz dela. Para perguntar se o abacaxi da feira está doce ou ainda está verde, ou qualquer outra coisa. É um jeito de, mesmo longe, ainda sentir a mão dela firme na sela, dizendo: “Tô aqui, pode ir!!!”

TRAGÉDIA SANITÁRIA

Luana Maria Pessoa Maia

Em março deste ano, minha amiga Bruna foi lá para casa. A ideia era simples: colocar a conversa em dia, falar mal da vida amorosa dos outros, como se a nossa estivesse perfeita, e fazer aquela famosa biritinha de respeito.

Compramos bebidas, improvisamos alguns petiscos e começamos a noite muito confiantes nas nossas capacidades emocionais e alcoólicas.

Com o passar das horas, as risadas foram ficando mais altas, as histórias mais duvidosas e a dignidade, cada vez menor.

Em determinado momento, Bruna levantou do sofá e anunciou:

— Amiga, vou ao banheiro.

Foi ao banheiro, usou e voltou como se nada tivesse acontecido. Se esta história fosse justa, teria terminado aí. Mas não. Alguns minutos depois, chegou a minha vez. Entrei no banheiro social tranquila, sem imaginar que estava prestes a protagonizar um dos episódios mais constrangedores da minha biografia. Fiz o que precisava fazer e, quando fui me levantar, ouvi um barulho seco: CRAAACK!!!

Congelei. Na mesma hora, comecei a procurar explicações alternativas. Talvez fosse o armário. Talvez a porta. Talvez algum vizinho estivesse derrubando uma parede. Ou, quem sabe, um terremoto extremamente seletivo tivesse atingido apenas o meu banheiro. Mas bastou olhar para trás para descobrir a verdade. Lá estava ele: o vaso sanitário, ferido, derrotado e completamente desacreditado na minha capacidade de convivência. Fiquei encarando a cena em silêncio, tentando entender como uma pessoa de tamanho perfeitamente normal tinha conseguido entrar para a história da engenharia sanitária daquele jeito. Saí do banheiro parecendo alguém que acabara de receber uma notícia gravíssima.

— Amiga... aconteceu uma coisa.

Bruna começou a rir, mas parou no instante em que viu minha cara.

— O que foi?

— Eu acho que quebrei o vaso sanitário.

Ela me encarou. Eu a encarei. O vaso permaneceu em silêncio. Então ela caiu na gargalhada.

O problema é que, alguns minutos depois, ela precisou usar o banheiro novamente. Foi aí que começou nossa operação secreta: duas mulheres adultas, levemente alcoolizadas, atravessando a casa em silêncio absoluto para usar o banheiro da suíte, como se estivéssemos tentando esconder as evidências de um crime federal. Toda vez que passávamos pelo banheiro social, evitávamos até olhar para dentro. Era como passar pela cena de um acidente.

O auge da humilhação veio quando precisei ligar para o meu esposo.

— Amor...

— Oi.

— Promete que não vai se assustar?

— O que aconteceu?

— O vaso sanitário quebrou.

Do outro lado da linha, silêncio. Um silêncio tão longo que achei que a ligação tivesse caído. Depois comecei a suspeitar de que ele estivesse recalculando todas as escolhas que o levaram até aquele casamento.

Até hoje, Bruna diz que sente medo quando vai me visitar. E, sinceramente, eu entendo. Eu mesma nunca mais entrei em um banheiro com a mesma confiança.

Hoje, antes de me sentar em qualquer vaso sanitário, existe um breve momento de respeito mútuo. Eu olho para ele. Ele olha para mim. E nós dois torcemos para que a história não se repita.

Maria Cecília Santos
Brinquedoteca CE|UFPB



A MESA LÁ DE CASA

Marcia Vitória Gomes do Nascimento

Desde que me entendo por gente, de domingo a domingo as refeições à mesa são sagradas lá em casa. Era uma mesa de madeira, na cor marrom com capacidade para quatro pessoas. Tem famílias com rotinas diferentes, nem sequer usam a mesa e fazem as refeições na sala, e isso na minha casa sempre esteve fora de cogitação, segundo Mainha.

Quando criança, eu e minha irmã acompanhamos de forma assídua Madeline, no Canal Futura, que acabava sendo transmitido no horário do almoço. Ao mesmo tempo, ouvia o chiado da panela de pressão, o cheiro de feijão novinho espalhado pela cozinha e o barulho do liquidificador fazendo o suco.

Da cozinha Mainha chamava:

— Venham almoçar, tá pronto!

Sabíamos que a TV deveria ser deixada de lado e assim, ela era desligada. Na mesa, painho falava sobre algo do trabalho, mainha falava sobre organizar minha lancheira e a da minha irmã para a escola e nós duas ansiosas para o próximo episódio de Madeline. Naquela época, eu não entendia muito bem a importância daqueles momentos.

A mesa da minha casa foi palco de diversas memórias, ver mainha fazendo bolo, painho, jogar os números da Mega-Sena e pedir minha opinião de qual escolher. Já no final da tarde, assim que chegar da escola e tomar banho, já era certo ir fazer a tarefa de casa junto com minha irmã na mesa, tendo a mediação de mainha enquanto ela preparava nosso jantar. Como um móvel de madeira pode ter tanto simbolismo?

Quando a adolescência chegou, a mesa de casa precisou ser trocada. O tempo já tinha deixado suas marcas na primeira mesa que tivemos. No lugar dela, chegou uma mesa cinza, com seis lugares, que continua conosco até hoje, em 2026.

Com a mesa nova, as conversas durante as refeições também mudaram. Se antes os assuntos eram outros, hoje as perguntas são diferentes:

— Como está a universidade?

— Já imprimiu as faturas dos cartões de crédito?

Mesmo assim, algumas coisas nunca mudam. Meu pai continua escolhendo os números da Mega-Sena. Falamos de Deus e do mundo, dos problemas da família e de tantos outros assuntos que, quando eu era criança, pareciam conversa de gente grande. E, se antes eu apenas observava minha mãe fazendo bolos, hoje sou eu quem também os prepara, muitas vezes até mais do que ela.

Hoje, já adulta, percebo o quanto a mesa ocupa um lugar especial na história da minha família. Mais do que um móvel, ela guarda lembranças da minha infância e da nossa convivência. Entre refeições e conversas, acumulou memórias que o tempo não apagou — e espero que nunca apague. A mesa mudou, nós também. Ainda assim, continua reunindo a nossa história. Quando olho para ela, não vejo apenas um móvel, mas um lugar onde as lembranças continuam vivas.

AS AGENTES SECRETAS DA CALÇADA

Maria Jaqueline do Nascimento Lima

Num fim de tarde calmo e tranquilo, talvez justamente por isso o tédio parecesse ainda maior do que a própria rua, resolvi observar o movimento pela janela de casa. Foi então que comecei a perceber um ritual que acontece praticamente todos os dias. As senhorinhas aparecem sempre por volta das quatro da tarde, quando o sol já está mais ameno. É quase sempre o mesmo grupo. Se uma delas falta, não demora para que as outras passem em sua casa e a chamem para a conversa. Cada uma leva a própria cadeira. Algumas carregam cadeiras de plástico, outras preferem as de madeira, e há até quem apareça com uma cadeira de balanço, porque diz ser mais confortável.

Antes mesmo de se acomodarem, os cochichos já começam, como se estivessem prestes a participar de uma reunião extremamente importante. E talvez estejam mesmo. Em menos de dez minutos, elas já sabem quem chegou tarde, quem saiu arrumado demais, quem recebeu visita e até quem brigou na vizinhança. Foi então que percebi que o assunto da conversa era, na verdade, tudo e todos. Enquanto conversam, observam a rua de um jeito nada discreto. Seus olhares parecem enxergar tudo, sem deixar escapar um único detalhe. O mais curioso é que elas agem como se ninguém percebesse que estão observando cada movimento.

Não adianta tentar passar despercebido. Se saio de casa um pouco mais produzida, elas já estão postas, alinhadas e prontas para as informações do dia. Logo sinto vários pares de olhos acompanhando cada passo meu até a esquina. Às vezes acho engraçado. Outras vezes, um pouco assustador.

Mas, observando melhor, comecei a pensar que talvez aqueles encontros sejam uma forma de fugir do silêncio de suas casas, de passar o tempo e, ao mesmo tempo, continuar fazendo parte da vida da rua. Arrisco dizer que também são uma maneira de combater a solidão e tornar os dias mais leves.

Enquanto algumas pessoas preferem viver isoladas, aquelas senhoras transformaram a calçada em um verdadeiro ponto de encontro. Devo admitir que, apesar da fama de investigadoras da vizinhança, existe algo bonito naquela rotina. Tenho a impressão de que elas conhecem tudo e todos. Sabem exatamente onde cada coisa está e acompanham cada movimento da rua. Porque, no fundo, quando as agentes secretas da calçada ocupam seus postos, a vizinhança nunca parece vazia.

O LUGAR DAS COISAS

Maria Vitória Borges da Silva

Depois que saí da casa dos meus pais aos 23 anos, buscando uma liberdade que eu já desejava há algum tempo, me casei e fui para minha própria casa. Foi então que descobri uma coisa curiosa sobre mim: eu gosto de ver tudo no lugar. Mas não é um simples gosto pela organização. É aquele incômodo estranho de olhar para uma cadeira fora do canto e sentir que existe alguma coisa desalinhada no universo.

Nos primeiros meses morando sozinha, comecei a perceber isso. Tem gente que acorda e vai direto tomar café. Eu acordo e já ajeito alguma coisa pela casa. Um copo na pia. Um travesseiro torto. Uma toalha esquecida na cadeira. Pequenos detalhes que parecem insignificantes, mas que acabam chamando minha atenção antes de qualquer outra coisa.

Outro dia, antes de sair correndo para a faculdade, deixei uma colher em cima da mesa. Passei o dia inteiro fora e, quando voltei à noite, ela ainda estava lá. E o mais curioso é que parecia estar me esperando. Pequena, silenciosa e completamente fora do lugar. Eu estava cansada, querendo apenas tomar banho e dormir, mas a primeira coisa que fiz foi guardar aquela colher. Só depois consegui respirar com calma.

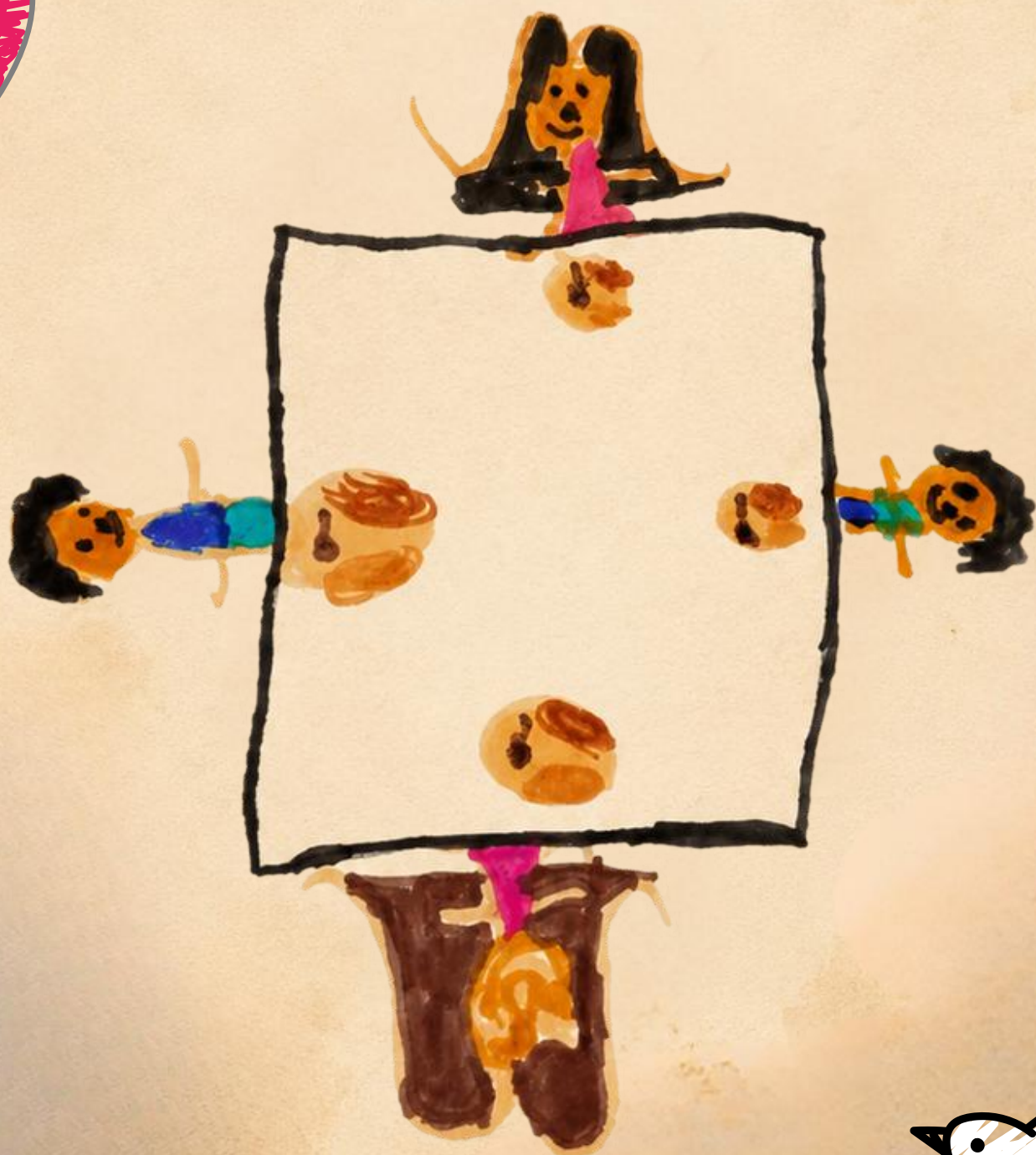
Foi nesse momento que percebi como morar longe da casa dos meus pais mudou minha forma de enxergar a casa. Antes, eu não ligava tanto para essas coisas. Mas a rotina, a responsabilidade e o silêncio fizeram com que aquele espaço começasse a parecer uma extensão de mim mesma. O silêncio, principalmente. Antes, sempre havia alguém passando por um cômodo, conversando ou chamando meu nome. Agora, muitas vezes, sou apenas eu, os móveis e os pequenos objetos espalhados pela casa. Talvez por isso eles pareçam tão presentes.

Claro que nem sempre tudo fica organizado. Tem dias em que a roupa acumula, os livros se espalham e a cama continua desarrumada até a noite. Nessas horas, parece que minha mente acompanha a bagunça da casa. Fico inquieta. Como se alguma coisa estivesse fora do eixo.

Minha mãe costumava dizer que casa arrumada traz leveza. Quando eu era mais nova, achava exagero. Hoje entendo melhor. Talvez não seja sobre perfeição. Talvez seja apenas sobre cuidado. Sobre chegar em casa depois de um dia cansativo e sentir que aquele lugar acolhe você. E, quando esse cuidado aparece nos pequenos gestos, até a casa parece respirar diferente. Cada coisa volta para o seu lugar e, junto com ela, o silêncio também encontra o seu.



Fernanda da Silva Feitorga
Brinquedoteca CE|UFPB



CINCO CENTÍMETROS

Paloma Antônia da Silva Andrade

Desde que nos mudamos para o apartamento, a fita métrica virou personagem fixa da nossa rotina. Engraçado pensar nisso. Quando imaginei o casamento, pensei em filmes no sofá, café da manhã preguiçoso aos domingos e jantares feitos juntos. Ninguém me avisou que boa parte da vida adulta envolveria medir paredes.

Nosso apartamento é pequeno. Pequeno daquele tipo em que nenhum móvel entra sem a aprovação prévia da fita métrica. Antes de qualquer compra, começa a operação de medir a parede, o corredor e a porta. Depois, medimos tudo de novo, porque sempre bate a dúvida se a gente mediu certo.

Nossa missão mais recente foi um guarda-roupa. O modelo que queríamos ficou para trás por exatos cinco centímetros. Cinco. Parecia até brincadeira. Escolhemos outro depois de medir o quarto umas quinze vezes, cheios de confiança matemática.

O guarda-roupa ainda nem chegou, mas confesso que já imaginei algumas vezes a cena dele parado na porta enquanto a gente tenta descobrir onde errou a conta. E, sinceramente, eu gosto dessa bagunça. Porque, no meio das medições erradas, das gargalhadas no meio da sala e dos móveis que parecem grandes demais para o apartamento, a gente vai construindo nossa casa do nosso jeito. Pequena, apertada e, ainda assim, cheia de espaço para nós dois.

O SILÊNCIO DAS PRIMEIRAS HORAS

Raphaela Vitória Medeiros Alves

Numa manhã de setembro de 2025, quando a primavera apareceu timidamente pelas janelas, acordei antes de todo mundo. Não era algo incomum. Desde que me tornei mãe, o silêncio das primeiras horas do dia passou a ser um dos poucos momentos em que consigo ouvir meus próprios pensamentos.

Caminhei pela casa ainda adormecida. No quarto, minha filha Aurora, com apenas dois meses de vida, dormia profundamente, enrolada em sua manta favorita, envolvida pela tranquilidade tão própria dos primeiros meses. A casa parecia suspensa entre o sono e o despertar. O chão frio sob os pés, a luz suave atravessando a cortina e o cheiro do café recém-passado me fizeram desacelerar. Enquanto ajeitava as almofadas da sala, fui percebendo os pequenos sinais de quem vive ali. Um brinquedo esquecido em um canto, uma fotografia sobre a estante, um livro aberto sobre a mesa. Cada detalhe parecia ocupar o seu lugar, como se também fizesse parte da nossa história.

Foi então que pensei que um lar guarda muito mais do que móveis e objetos. Ele preserva versões inteiras de quem fomos e de quem ainda estamos nos tornando. As marcas na parede, as gavetas cheias de recordações, os presentes guardados com carinho e até as coisas mais simples carregam memórias que o tempo insiste em conservar.

Talvez seja por isso que cada cômodo pareça contar um capítulo diferente da nossa vida. Entre aquelas paredes permanecem os dias difíceis, as celebrações, as mudanças, os recomeços e as pequenas alegrias escondidas na rotina. Tudo continua ali, em silêncio, como páginas de um álbum que seguimos escrevendo sem perceber. Naquela manhã comum de setembro, compreendi que a beleza da vida não mora apenas nos grandes acontecimentos. Ela também se revela no vapor que sobe da xícara de café, na luz que atravessa a janela e ilumina a sala ainda silenciosa, nos brinquedos espalhados pelo caminho e nas memórias que habitam cada canto da casa. Porque, às vezes, um lar não é apenas o lugar onde moramos. É o lugar onde a nossa história continua vivendo.

O QUE FICA NO CHÃO?

Raianne Maria Oliveira Silva

Dizem que a alma da casa mora na sala de estar. Lá em casa, porém, tenho certeza de que ela vive no fundo de um balde.

Existe um momento específico da semana, geralmente no fim da tarde de sábado, em que me encontro com o pano de chão. Ele não tem nada de bonito. É um pedaço de tecido já encardido pelo tempo, com as pontas desfiadas e uma aparência cansada, como se também pedisse descanso.

Mergulho o pano na água com cheiro de lavanda e o torço com toda a força que meus braços conseguem reunir. Ali, empurrando o rodo pela cozinha, deixo de ser a profissional que responde e-mails, a filha sempre disponível ou a amiga que parece ter resposta para tudo. Sou apenas uma mulher diante de um piso que precisa ser limpo.

Cada passada sobre o chão frio parece colocar um pensamento no lugar. O pano absorve o café derramado na correria da manhã, a lama trazida pelos dias de chuva e, de algum jeito, até as lágrimas silenciosas que caem sem que ninguém veja. Há uma dignidade discreta nesse movimento repetido. Enquanto o chão vai brilhando, a mente desacelera.

É curioso como passamos tanto tempo escolhendo cortinas, quadros e almofadas, pensando nas partes mais bonitas e mais mostradas da casa, quando é justamente aquilo que toca o chão que sustenta a rotina. O pano conhece meus passos descalços, meu ritmo apressado e o peso real dos meus dias.

Quando termino, estendo o tecido no varal e observo minhas mãos marcadas pela água sanitária. A casa cheira a lavanda. No silêncio que fica depois da faxina, percebo que alguma coisa também foi organizada dentro de mim.

Amanhã alguém entrará com os pés sujos, a poeira voltará e o ciclo recomeçará. Limpar, sujar, limpar outra vez. Talvez a vida adulta seja um pouco isso. Mas, por hoje, cumprimos a missão de deixar o mundo um pouco menos cinza, um cômodo de cada vez.



Flávio da Silva Feitosa
Brinquedoteca CE|UFPB



ENTRE FERRUGEM E ENTARDECER

Rita de Cássia Pereira Lopes

Todos os dias, por volta das cinco da tarde, levo minha caneca de café até a janela. É um hábito sagrado. Gosto de observar a luz enfraquecendo aos poucos, enquanto o vento morno toca meu rosto e faz o corpo desacelerar depois da correria do trabalho. Foi em uma dessas tardes que reparei na grade enferrujada da casa ao lado. Ela parecia prender o entardecer entre suas barras. O laranja do céu, a penumbra e a brisa suave atravessavam as frestas antigas, como se o fim do dia ficasse entrelaçado ali.

A ferrugem, espalhada pelas curvas do portão, lembrava folhas secas de outono presas ao metal. Havia uma beleza discreta que os vizinhos, sempre apressados com as sacolas do supermercado ou presos no trânsito, pareciam não ter tempo de enxergar. A grade já não fechava direito, rangia nas manhãs frias e carregava marcas que nem a melhor tinta conseguiria esconder. Ainda assim, permanecia ali, enfrentando a chuva e o sol com a serenidade de quem aprendeu a envelhecer sem fazer alarde.

Com o passar dos dias, a ferrugem parecia avançar um pouco mais. Onde antes havia tinta brilhante, restavam manchas ásperas e avermelhadas. Mesmo assim, a grade continuava firme, sustentando o próprio peso e as marcas que o tempo lhe deixava. Vista de perto, aquelas imperfeições já não pareciam sinais de desgaste, mas vestígios de uma longa história, como rugas que revelam mais do que escondem.

Naquele fim de tarde, percebi que a grade não precisava ser impecável para ter valor. Bastava permanecer ali. Enquanto a rua escurecia e os vizinhos voltavam para casa, os últimos raios de sol ainda insistiam em repousar sobre o ferro envelhecido, aquecendo suas frestas antes de desaparecer. Foi então que entendi que o tempo não leva apenas a juventude das coisas. Ele também lhes dá histórias. E talvez seja justamente isso que as torne belas.

DEBAIXO DO CHUVEIRO

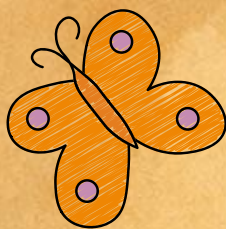
Whuolacyr Gomes

Sempre que chego em casa depois de um dia cansativo, percebo que existe alguma coisa quase mágica no meu banheiro. Talvez isso tenha começado ainda na infância. Eu odiava tomar banho. Odiava principalmente a água gelada queimando a pele e a parte verde da esponja de lavar pratos que minha família insistia em usar como bucha de banho.

Mas existia um momento específico que eu gostava. Era aquele meio-termo entre o choque da água fria e a rendição do corpo ao banho. Um instante em que eu simplesmente desligava dos pensamentos e sentia a água cair como vento sobre a pele. Eu não sabia direito o que estava sentindo, então decidi fazer a coisa mais lógica que uma criança poderia fazer que era pegar o tapete do banheiro, fingir que era um lençol e me deitar debaixo do chuveiro exatamente no momento em que aquela sensação surgia.

Logicamente, não dava muito certo. Eu sempre era acordado pelos gritos e pelos leves tapas da minha mãe. Anos se passaram, e essa sensação ficou esquecida no passado, até o momento em que fui morar sozinho. Após um longo dia de trabalho, decidi me sentar no chão do chuveiro e ficar ali até a preguiça passar. Para minha surpresa, a sensação ajudou ainda mais a minha preguiça. A consequência? Um cochilo leve de trinta minutos.

Depois desse dia, percebi que aquela sensação ainda estava presente. Então, passei a aproveitá-la. Em dias ensolarados, pego uma cadeira branca, sento-me lá e deixo a água tocar meu corpo. Em dias tristes, coloco uma boa música no computador e me sento para refletir. E, em dias criativos, acendia um belo jogo de luzes e aproveitava com minha ex-parceira. Criávamos um universo no nosso banheiro, conversas sobre a existência humana e a sensação da água nos nossos corpos eram as nossas pautas. Hoje ainda tenho a companhia da cadeira branca, do chuveiro e do meu banheiro...



Maria Alice
Brinquadodeca CE|UFPB



O ARMÁRIO QUE DESALINHOU OS CHAKRAS DA CASA

Maria Dayane Lira Dantas

Dizem que uma casa tem alma. Eu acrescentaria que ela também tem chakras. E posso afirmar, com a propriedade de quem viveu essa experiência, que basta um armário de cozinha quebrar para todos eles entrarem em completo colapso.

Tudo começou porque o nosso antigo armário já estava velhinho, caindo aos pedaços. As portas fechavam quando queriam, havia gavetas sem a parte da frente, e a estrutura parecia desafiar as leis da gravidade. Era apenas uma questão de tempo até ele desistir de vez da missão de sustentar panelas, pratos e mantimentos.

Quando surgiu uma brechinha no cartão de crédito, vimos ali a oportunidade de comprar um armário novo. Pesquisamos preços, qualidade, medidas e design até encontrarmos "o armário". Era perfeito para a nossa cozinha e, principalmente, para o meu coração. Passava um pouco do orçamento, mas fizemos das tripas coração e compramos. Parcelado em doze vezes, porque, parcelado, a gente compra até a Lua. O vendedor garantiu que, em cinco dias úteis, ele estaria em casa.

Só que os cinco dias passaram. Depois vieram mais alguns. Passei horas falando com a loja que, quando respondia, era apenas para inventar uma nova desculpa. A cada contato surgia uma justificativa diferente, enquanto o armário continuava sendo apenas uma promessa. Foi aí que os chakras da casa se desalinham de vez.

Eu discutia com meu esposo e, logo depois, chorava porque queria aquele armário, e não outro qualquer. Meu esposo dizia que deveríamos ter pesquisado mais antes de fechar a compra. Nosso filho, sentindo toda aquela energia caótica, resolveu entrar no clima: ficou hiperativo, passou a gritar pela casa e a responder a tudo em tom de protesto. Parecia que o atraso de um simples móvel havia aberto um portal para o caos doméstico.

Depois de muito desgaste, meu esposo foi à loja decidido a cancelar a compra. Chegando lá, recebeu a informação de que ela já havia sido cancelada... sem nunca ter sido. Depois de muitas conversas com gerente, vendedor e entregadores, voltou para casa com uma nova data de entrega, uma peça do mostruário — porque a original já não existia mais em estoque — e a promessa de um montador gratuito.

O armário finalmente chegou. A peça do mostruário, porém, meu esposo precisou buscar em outra cidade. Já o montador virou quase uma lenda: todos falavam dele, mas ninguém o via aparecer. Cansados de esperar pela cortesia prometida, desistimos e contratamos um profissional por nossa conta.

Quando achei que tudo estava resolvido, fui desmontar o antigo balcão e enfiei o dedo em um prego enferrujado. Resultado: além do armário novo, ganhei uma vacina antitetânica de brinde. Enquanto isso, a cozinha parecia um verdadeiro canteiro de obras, e ainda tivemos pela frente uma faxina daquelas, capaz de fazer qualquer um repensar o conceito de reforma.

No fim das contas, não compramos apenas um armário. Compramos uma coleção de histórias, discussões, risadas, promessas quebradas, uma viagem inesperada, uma vacina e uma boa dose de paciência. Hoje, a cozinha ganhou a cara que sempre sonhamos e, aos poucos, os chakras da casa voltaram ao lugar. As discussões deram espaço às risadas, o caos virou lembrança e, sempre que olho para aquele armário, penso que ele vale cada parcela. Ainda assim, confesso: teria sido bem melhor se ele tivesse chegado no quinto dia útil.

UMA NOITE E UM CAFÉ

Aldenora Giovana da Silva

Existem dias que chegam sem qualquer pretensão. Dias comuns, daqueles que a gente acredita que vão terminar exatamente como começaram. O dia 29 de outubro de 2022 parecia ser apenas mais um desses. Eu não tinha nenhum compromisso importante. Minha única obrigação era sofrer pelo Flamengo durante noventa minutos — ou mais, dependendo da boa vontade dos jogadores.

Fui para a casa de uma amiga assistir ao jogo. Entre um comentário e outro sobre o juiz, a escalação e os inevitáveis especialistas de sofá, uma colega do meu antigo trabalho fez uma proposta:

— Se o Flamengo ganhar, a gente sai para comemorar.

Parecia um acordo sem grandes consequências, uma brincadeira lançada no calor da partida. O problema dos acordos feitos durante jogos de futebol é que ninguém acredita, de verdade, que eles serão cumpridos. Mas o Flamengo ganhou e, junto com o título da Libertadores, começou uma história que eu jamais poderia imaginar.

E lá fomos nós comemorar.

Seguimos para a praia: eu, ela e mais duas amigas. O vento vinha do mar, a areia grudava nos pés e a alegria da vitória deixava tudo mais leve. Conversávamos, ríamos e celebrávamos como quem queria esticar a noite o máximo possível. Foi ali que aconteceu algo inesperado: pela primeira vez, eu a enxerguei de um jeito diferente. Não sei exatamente quando isso aconteceu. Essas coisas raramente avisam antes. Apenas acontecem.

Quando nossas amigas foram embora, ficamos só nós duas. Depois de um tempo, veio um beijo. Simplesmente aconteceu. É curioso como alguns acontecimentos levam horas para acontecer e apenas alguns segundos para mudar tudo.

As horas passaram sem que percebêssemos. Quando o relógio já se aproximava das três da manhã, surgiu uma questão prática. Toda grande história de amor tem um obstáculo. A nossa foi o Uber.

— Na sua casa ou na minha?

Na dela não dava. Nenhum motorista parecia disposto a atravessar João Pessoa naquela hora da madrugada. A minha acabou vencendo por questões logísticas, que talvez seja a forma menos romântica possível de começar uma história de amor.

Liguei para minha mãe.

— Mãe, uma amiga minha vai precisar dormir lá em casa porque não está conseguindo voltar para casa.

Minha mãe aceitou com uma tranquilidade suspeita. Estranhei. Eu era justamente a pessoa que nunca levava ninguém para casa. Até hoje não sei se aquilo foi compreensão materna ou uma discreta interferência do destino.

Quando chegamos, ainda na escada, senti o cheiro do café que minha mãe havia preparado. Pedi que ela tirasse as sandálias cheias de areia antes de entrar. Apresentei as duas e nunca vi alguém sentir tanta vergonha. O sorriso tímido, as sandálias nas mãos, o olhar baixo e o rosto corado são lembranças que o tempo não conseguiu apagar.

O resto da noite passou como passam as melhores conversas: sem relógio. Era como se existisse apenas o nosso pequeno universo, isolado do restante do mundo. Conversamos sobre tudo e sobre nada, rimos, contamos histórias, compartilhamos silêncios. O tempo deixou de existir e, em algum momento, tive a impressão de que o mundo havia diminuído até caber apenas em duas pessoas sentadas, conversando enquanto o café esfriava.

Na manhã seguinte, ela precisou ir embora cedo. Era dia de eleição, e havia compromissos mais importantes do que passar a manhã inteira conversando comigo. Mas, antes de sair, deixou uma argola. Não de propósito, imagino. Quase quatro anos depois, ela continua guardada, não pelo valor do objeto, mas porque carrega a lembrança de uma noite que mudou tudo.

O Flamengo já perdeu outros jogos. Também já ganhou alguns. Houve outros campeões da Libertadores, outras eleições e incontáveis dias comuns. Mas, de vez em quando, eu me lembro daquela noite: da areia nos pés, das duas cervejas que nos fizeram parecer especialistas em felicidade, dela rindo, do cheiro do café e da descoberta de que alguns dias chegam sem prometer absolutamente nada. Então, sem qualquer aviso, resolvem mudar a vida da gente.

O Flamengo ganhou a Libertadores naquela noite. Mas, olhando para trás, percebo que aquele não foi o único título conquistado. Sem saber, eu também encontrei alguém para compartilhar o meu universo. E, felizmente, nós duas ainda continuamos vivendo nele.



Crônicas de aprendizagem

Histórias de quem aprende





A FESTA DE RENOVAÇÃO DO CONTO “PAI CONTRA MÃE” DE MACHADO DE ASSIS

Patrícia Rosas

Sábado, 9 de abril de 2011

A máscara de flandres

Hoje comecei a ler o conto Pai contra mãe, de Machado de Assis, publicado originalmente em 1906 no livro Relíquias de Casa Velha. A leitura foi proposta pela professora Maria Angélica na disciplina Leituras Discursivas, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba, onde curso o mestrado em Linguística, como aluna especial.

O conto é curto. Ou, pelo menos, parecia ser. Já faz mais de trinta minutos que estou parada no primeiro parágrafo. Uma única expressão interrompeu meu caminho de leitora e me obrigou a diminuir o passo: máscara de folha de flandres. Machado escreve: "não cuidemos de máscaras". Mas, desta vez, vou desobedecê-lo. Não consigo seguir adiante sem saber que máscara é essa.

Fecho o livro. Abro o computador. Digito aquelas palavras no Google. Fiz questão de fazer esse desvio na leitura. Descubro, então, que a máscara de folha de flandres era um instrumento de tortura utilizado durante a escravidão brasileira. Servia para punir escravizados acusados de furtar alimentos, de beber ou mesmo para impedir que comessem terra na tentativa de pôr fim à própria vida. A peça era presa atrás da nuca por um cadeado e possuía apenas três aberturas: duas para os olhos e uma para a respiração. Algumas cobriam todo o rosto; outras apenas a boca.

Encontro fotografias. Gostaria de dizer que apenas as vi. Mas não. As imagens me olharam de volta. Depois delas, a leitura deixou de ser uma atividade intelectual. Tornou-se um incômodo. Enquanto observo aquelas máscaras, as palavras que me ocorrem não formam frases. São apenas fragmentos de sentimento: silêncio. Cerceamento. Angústia. Interdição. Privação. Tortura. Tristeza.

Descubro também que essas máscaras eram vendidas como qualquer outra mercadoria. Ficavam expostas nas portas dos estabelecimentos comerciais, penduradas diante dos olhos de todos. Eram parte da paisagem. Talvez, justamente por isso, tenham deixado de causar espanto. A rotina cansou os olhos dos transeuntes e tornou invisíveis tanto a dor dos escravizados quanto a perversidade de quem lucrava com ela.

Fecho novamente a página da pesquisa. Mas a máscara continua aberta dentro de mim. Começo, então, a pensar nas outras máscaras que encontramos diariamente. Não aquelas feitas de folha de flandres, mas as que aprendemos a aceitar sem perceber. As tragédias que atravessam os noticiários. A fome. As guerras. Os assassinatos. A violência contra as mulheres. O racismo. A miséria. As injustiças que, de tanto se repetirem, deixam de nos causar espanto.

Será que estou perdendo a capacidade de me indignar? Será que estou me acostumando ao absurdo? Será que a repetição mata a sensibilidade? Lembro-me de Santo Agostinho quando afirma que "o costume mata o êxtase". Talvez ele também mate a indignação. Aos poucos, a gente vá endurecendo, até olhar para o sofrimento alheio com a mesma naturalidade com que aqueles comerciantes olhavam para as máscaras penduradas em suas vitrines.

Começo a pensar, ainda, nas máscaras invisíveis que continuam sendo colocadas sobre nós pelas ideologias, pelas forças políticas, pelas religiões, pela mídia e até pela própria ideia do que significa ser um "cidadão de bem". Muda o material. Mudam os nomes. Mas algumas formas de silenciamento continuam encontrando maneiras de sobreviver.

Já está tarde. Hoje não consegui passar do primeiro parágrafo do conto. Curiosamente, não sinto que li pouco. Pelo contrário. Há leituras que avançam por muitas páginas sem deixar vestígios. Outras mal atravessam um parágrafo e já começam a nos transformar.

Vou dormir. Amanhã, depois do almoço, continuo a leitura. Ou, para ser mais honesta: amanhã continuo sendo lida por ela.

Domingo, 10 de abril de 2011

Uma vida pela outra

Hoje voltei ao conto. Ontem parei no primeiro parágrafo. Hoje consegui chegar ao último. Não porque a leitura tenha ficado mais fácil, mas porque algumas páginas precisam ser atravessadas mesmo quando pesam nas mãos.

O conto *Pai contra mãe* é uma narrativa em terceira pessoa que expõe a crueldade da escravidão brasileira. Seu protagonista, Cândido Neves, sobrevive capturando escravizados fugitivos, ofício que lhe garante, de forma precária, o sustento. Casado com Clara, o casal não possui condições de estabelecer uma casa própria e, por isso, vive sob os cuidados de tia Mônica, tia de Clara. Apesar das dificuldades financeiras, ambos desejam muito ter um filho. Algum tempo depois, Clara engravida. À medida que o nascimento da criança se aproxima, cresce também a preocupação de tia Mônica. A instabilidade da profissão de Cândido e a diminuição do número de escravizados fugitivos tornam cada vez mais incerta a sobrevivência da família. Sem recursos para criar o bebê, tia Mônica passa a defender que a criança seja entregue à Roda dos Enjeitados.

- *Vocês, se tiverem um filho, morrem de fome, disse a tia à sobrinha. (p. 13)*

Finalmente, quando Clara deu à luz a um menino, a tia a convence a abandonar a criança na Roda dos enjeitados, um guichê giratório instalado na fachada dos orfanatos; esse dispositivo permitia aos pais depositarem seu filho no anonimato e com segurança. Cândido se desespera com a ideia de ter de abandonar seu próprio filho e cogita mil saídas para ficar com ele, mas não encontra nenhuma. Logo, a ideia de abandonar um recém-nascido era dolorosa, mas em último caso era a melhor solução.

Após muito hesitar, o pai, cheio de desespero, pegou o bebê para levá-lo à Roda dos enjeitados. Antes, ele decidiu tentar, mais uma vez, obter dinheiro para evitar a infelicidade de perder o filho. Retomou os jornais e suas fichas sobre os escravos fugidos. Selecionou então um anúncio que prometia uma grande recompensa por uma mulata fugida. O texto descrevia a aparência da escrava, os bairros em que ela costumava frequentar e seu nome: Arminda. Com o dinheiro da recompensa, Cândido podia pagar suas dívidas e ficar com o filho.

No caminho que o levava em direção à Roda, ele “viu do lado oposto um vulto de uma mulher; era a mulata fugida...” (p. 23), então, muito depressa ele decidiu deixar o bebê com um conhecido e tentar capturar a escrava. Ele a seguiu quase certo de que se tratava da escrava fugida descrita no anúncio. Chamou-a por seu nome: Arminda. Ela virou-se. Certo de que era sua presa, saltou sobre ela. Eles se bateram e ela lhe diz suplicando:

- *Estou grávida, meu senhor! Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei sua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! (p. 24)*

Cândido recusou a proposta e diz impiedosamente:

- *Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois? (p. 25)*

Sem pesar, Cândido arrastou-a até a casa de seu senhor. Na medida em que eles se aproximavam da casa do senhor, Arminda reagiu ainda mais e acabou por abortar seu filho. Cândido entrega-a a seu dono, recebe a recompensa e volta para casa entre lágrimas com seu filho nos braços. A tia Mônica que não queria saber da criança ouve a explicação e perdoa a volta do pequeno, uma vez que ele trazia um bom dinheiro para a subsistência da família. O conto termina com a frase de Cândido que tenta justificar sua tirania:

- *Nem todas as crianças vingam... (p. 26).*

Fecho o livro. Mas o livro não se fecha.

Quando li o título *Pai contra mãe*, imaginei que encontraria uma história sobre conflitos familiares, talvez uma separação, um casamento em crise ou um desacordo entre marido e mulher. Nunca imaginei que encontraria pobreza, escravidão, maternidade, paternidade e aborto reunidos numa mesma narrativa.

O que mais me perturbou, porém, foi perceber que Machado não escreve uma história de vilões e heróis. Escreve uma tragédia. Não consegui odiar Cândido. Também não consegui deixar de sofrer por Arminda. São duas vidas implorando por futuro. De um lado, um pai tentando impedir que o próprio filho seja abandonado. Do outro, uma mãe tentando impedir que o seu filho nasça escravizado. Duas vidas pedem passagem. Mas o mundo construído pela escravidão só permite que uma delas sobreviva.

Termino a leitura tomada por uma estranha sensação de impotência. Pela primeira vez, não sinto vontade de explicar um texto. Nem de interpretá-lo. Nem de responder às perguntas que normalmente fazemos depois de uma leitura. Na verdade, eu não tenho nenhuma resposta. E, pela primeira vez, começo a desconfiar de que talvez isso não seja um problema. Eu simplesmente não estou obrigada a dizer nada. Alguns textos não nos pedem uma opinião. Pedem apenas que permaneçamos diante deles.

Então resolvo fazer a única coisa que me parece possível neste momento: observar o silêncio que está dentro de mim. Quem sabe um dia, quando eu for mãe, volte a ler este texto e tenha coisas inteligentes a dizer.

Segunda-feira, 6 de julho de 2026

Quinze anos depois

Voltei.

Bakhtin (2011, p. 410) escreve que "não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação". Durante muito tempo li essa frase como uma bela ideia. Hoje a leio como uma experiência vivida. Faz quinze anos que comecei a ler *Pai contra mãe*. E só agora percebo que ainda não terminei.

Entre a primeira leitura e esta volta, a vida aconteceu. Casei. Descobri que ser mãe não seria o caminho simples e natural que eu imaginava. Vieram os exames, o diagnóstico de endometriose, a cirurgia, a perda de parte das trompas e dos ovários, um aborto espontâneo, incontáveis consultas, médicos, expectativas interrompidas e cinco anos tentando engravidar. Depois veio outro aprendizado. Meu esposo começou a falar sobre adoção. No início, resisti. Aos poucos, fui entendendo que maternidade talvez não fosse apenas biologia. Fizemos o curso de adoção, participamos de encontros, ouvimos histórias de pais e mães de coração. Esperamos mais um ano. Nada aconteceu.

Até que deixei de esperar.

Eu estava cansada. Cansada de exames. Cansada de testes negativos. Cansada de transformar esperança em calendário. Foi justamente quando desisti de controlar o futuro que a vida resolveu me surpreender. Depois de uma viagem, voltei para casa com fortes dores na barriga e fui ao médico imaginando ser uma infecção intestinal. O ultrassom mostrou outra coisa. Um saco gestacional. Fiz o exame de sangue e resultado mostrou que eu estava gravidíssima. Depois de anos, engravidei de forma natural. Dias depois, ouvi o coração do bebê pela primeira vez. Batia forte, igual um tambor. Chorei como quem finalmente encontra uma resposta depois de muitos anos de silêncio. Então a médica sorriu.

— Agora, vamos ouvir o outro coraçãozinho.

— O outro?

— Você está grávida de gêmeos. Não sabia?!

Aquela frase mudou a minha história. Nove meses depois, no dia 6 de janeiro de 2016, nasceram Ângelo e Mariana, meu casal de gêmeos. O primeiro caso de gêmeos da minha família. Sempre que olho para eles penso que algumas esperanças apenas demoram mais para florescer.

Conto tudo isso porque somente agora compreendo por que precisei voltar ao conto de Machado de Assis. Em 2011, eu ainda não sabia o que significava desejar desesperadamente ter um filho. Hoje sei. E foi a vida que me ensinou aquilo que nenhuma teoria poderia ensinar. Bakhtin tinha razão. O sentido fez sua festa de renovação.

Mas descobri outra coisa. Durante quinze anos achei que havia ficado devendo uma resposta ao conto. Lembrava daquela última página e do silêncio durante a leitura. Pensava que, quando amadurecesse ou fosse mãe, encontraria finalmente uma interpretação capaz de explicar tudo.

Não encontrei.

Continuo embasbacada. Continuo em silêncio.

A diferença é que hoje compreendo que esse silêncio também faz parte da leitura. Na primeira vez em que li Pai contra mãe, sentia quase uma obrigação de escolher um lado. Achava que precisava decidir entre Cândido e Arminda, entre o pai que lutava para não perder o filho e a mãe que lutava para impedir que o filho nascesse escravizado.

Hoje penso que essa nunca foi a tarefa da leitura. Nem Machado me pediu isso. Nem minha professora. Maria Angélica não pediu prova. Não pediu seminário. Não pediu fichamento. Não pediu relatório. Ela pediu apenas que lêssemos. Na época, esse "apenas" me pareceu simples. Mas era a tarefa mais difícil de todas. Fomos educados para ler produzindo alguma coisa: uma resposta, uma resenha, uma apresentação, um conceito, uma nota. Quase nunca somos convidados a simplesmente permanecer diante de um texto, permitindo que ele faça seu trabalho dentro de nós. Ler sem cobrança é profundamente desconcertante, porque nos obriga a abandonar a ansiedade de responder. A leitura deixa de ser uma atividade para cumprir e passa a ser uma experiência para viver.

Vejo nas redes sociais desafios de leitura cada vez mais impressionantes. Outro dia uma menina, de apenas onze anos, viralizou ao contar que havia lido cento e cinquenta livros em um único ano, incluindo toda a Bíblia. Fiquei feliz por ela. Mas confesso que minha ideia de leitura caminha por outro lugar. Não acredito que um leitor seja medido apenas pela quantidade de livros que consegue atravessar. Ler muitos livros amplia repertórios, apresenta novos mundos e certamente nos torna leitores mais experientes. Isso é importante. Mas não basta. Também é preciso que alguns livros atravessem o leitor.

Para mim, a grande leitura não é, necessariamente, a mais rápida, nem a mais extensa. É aquela que permanece. Aquela que continua fazendo perguntas quando já esquecemos o número das páginas. Aquela que reaparece muitos anos depois, iluminada por experiências que ainda não possuíamos quando a lemos pela primeira vez. Há textos que terminam junto com a última página. Outros começam exatamente ali.

A maturidade me fez ver que um bom leitor não se mede apenas pela quantidade de livros que leu, mas pelo tempo que um livro consegue permanecer vivo dentro dele. Há quinze anos comecei a ler um conto de Machado de Assis. Ainda não terminei. As perguntas continuam aqui. A dor continua aqui. O espanto continua aqui. Talvez seja isso que uma grande obra faz conosco. Ela espera. Espera que a vida aconteça. Espera que envelheçamos um pouco. Espera que percamos, que amemos, que fracassemos, que tenhamos filhos, que mudemos de ideia. Então, um dia, quando voltamos ao texto, descobrimos que ele permaneceu exatamente onde o deixamos.

Quem mudou fomos nós.

Sei que aquela aula de leitura no mestrado nunca acabou. Ela apenas durou quinze anos. E talvez continue durando pelo resto da minha vida. Durante muito tempo pensei que a professora Maria Angélica tivesse nos ensinado a ler um conto de Machado de Assis. Mas acho que ela nos ensinou algo muito mais difícil: ensinou-nos a aprender com o tempo da literatura.

Naquele dia, ela suspendeu, por algumas horas, a lógica escolar que transforma toda leitura em tarefa e toda tarefa em resposta. Não nos pediu que resolvêssemos o texto, que identificássemos seus recursos estilísticos ou que produzíssemos uma interpretação definitiva. Pediu apenas que lêssemos. E foi justamente essa aparente simplicidade que me ensinou a lição mais complexa da minha formação como leitora.

Aprendi, naquela aula, que um texto não precisa ser imediatamente compreendido para ser verdadeiro. Aprendi que existem perguntas que devem permanecer abertas. Aprendi que a boa leitura exige uma espécie de paciência literária: a disposição de caminhar no ritmo do texto, de aceitar seus silêncios, de suportar suas ambiguidades e de esperar que a própria vida complete sentidos que a teoria, sozinha, nunca alcança.

Aprendi que ler é, antes de tudo, deixar-se ler. E que escutar um texto talvez seja a maneira mais profunda de aprender a escutar a si mesmo.

Referências

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: ASSIS, Machado de. **Relíquias de casa velha**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2011. (Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1906).

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Maricélia Ribeiro Jorge
Golbery de Oliveira Chagas Aguiar Rodrigues

Algumas leituras terminam quando fechamos o livro. Outras continuam caminhando conosco pelos corredores da universidade, pelas conversas entre colegas e pelos pensamentos que insistem em voltar quando menos esperamos. Foi exatamente isso que aconteceu conosco durante a leitura do ensaio *A palavra na vida e a palavra na poesia*: para uma poética sociológica, de Valentin Volóchinov, numa aula da disciplina de Tópicos Especiais em Teoria Dialógica da Linguagem, do PPGLE/UFCG, ministrada por Manassés Xavier, um professor que tem Bakhtin na veia.

O texto havia sido indicado para discussão em sala, e dedicamo-nos à leitura com bastante interesse. À medida que avançava pelas páginas, sublinhávamos trechos, fazíamos anotações e tentávamos relacionar as ideias do autor às discussões que já vínhamos realizando sobre linguagem e interação social. Tudo corria bem até que a leitura travou numa única sentença, na página 130:

"Do ponto de vista pragmático-objetual não se deve haver nada implícito na obra poética."

Como assim nada implícito? A poesia não vive das entrelinhas, das metáforas, do não dito? Voltei ao parágrafo. Relemos. Continuamos sem entender. Guardamos a dúvida e seguimos confiantes de que o professor a resolveria na aula seguinte.

Não resolveu. Não porque lhe faltasse clareza. Pelo contrário: o professor contribuiu com observações valiosas, oferecendo caminhos possíveis de interpretação. Mas havia naquela passagem uma espessura filosófica e subjetiva tão intensa que a dúvida permanecia viva, pedindo um percurso de compreensão que ainda precisávamos construir por nós mesmos. Afinal, estamos tratando de densa filosofia...

Na aula, em vez de exposição, o professor propôs grupos de discussão. Boa ideia, pensamos — às vezes enxergamos melhor um texto pelos olhos dos outros. Peguei a folha de orientações com tranquilidade.

Até ver a numeração das páginas.

O trecho selecionado começava exatamente na página 130. Entre todas as páginas do ensaio, justamente aquela. A mesma frase. A mesma inquietação. Compreendi que não havia saída.

No grupo, descobrimos que um colega carregava a mesma dúvida. As outras integrantes disseram ter compreendido a passagem e nos explicaram com generosidade. Escutamos com atenção. Voltamos ao texto. Relemos. A compreensão não chegava.

Então fizemos o que parecia óbvio: chamamos o professor.

Ele veio, ouviu a questão e explicou com precisão e paciência. Explicou direitinho. E parte de nós continuamos sem entender ... certamente porque em cada ser humano há várias moradas de subjetividades...

Olhamos um para o outro com aquela mistura de constrangimento e obstinação que só quem já ficou preso numa dúvida teimosa conhece bem. Não era desatenção. Era algo mais fundo e ainda não sabíamos o quê.

Quando as apresentações começaram, passamos a ouvir cada grupo na esperança de que alguém chegasse lá, de que uma frase solta nos desbloqueasse. Seguíamos cada interpretação com atenção redobrada.

Ninguém chegou.

Rabiscávamos.

Voltávamos páginas.

Relacionávamos conceitos.

O tempo corria.

A qualquer momento poderia chegar a nossa vez. E nós ainda não tínhamos a resposta nem dos colegas, nem do professor, nem do próprio texto. Por sorte, ou por graça, questões administrativas consumiram o final da aula. Nossa apresentação ficou para a semana seguinte.

Respiramos fundo. Trocamos um olhar que dispensava palavras.

Tínhamos tempo. E dessa vez, decidimos usá-lo de outro modo. Não queríamos mais esperar que alguém nos desse a resposta. Queríamos construí-la. Sem alibi, sem atalho queríamos assinar aquela compreensão com nossas próprias mãos. Nos dias seguintes, voltamos ao ensaio. Relemos devagar, degustando. E foi então que algo começou a se mover.

Na vida cotidiana, percebemos, grande parte do sentido não precisa ser dita: duas pessoas que compartilham a mesma situação se entendem com meia palavra, um gesto, uma entonação. O contexto externo carrega o que o enunciado deixa em aberto.

A poesia não dispõe desse recurso. O leitor não está diante da mesma paisagem do autor, não partilha a mesma situação concreta. Por isso, tudo o que precisa ser compreendido deve ser construído dentro do próprio texto — nas imagens, no ritmo, nas escolhas vocabulares, na forma artística.

O implícito não desaparece na poesia. Ele muda de lugar: sai de fora do texto e passa a ser produzido por ele. Quando isso ficou claro, entendemos também por que a dúvida havia resistido tanto. Nenhuma explicação externa poderia ter nos dados aquela compreensão, porque ela só se tornaria real quando fosse nossa. Construída. Assinada.

Na aula seguinte, apresentamos com segurança. Mas o que ficou não foi a resposta. Foi o percurso.

Sem querer, tínhamos vivido aquilo que Bakhtin chama de ato responsável: não há alibi para a existência. Não é possível delegar a outro ao colega, ao professor, ao texto a responsabilidade de compreender por nós. O ato de entender exige assinatura. Exige que o sujeito esteja presente, sem escudo, disposto a não saber e a continuar mesmo assim.

A página 130 nos obrigou exatamente a isso.

E talvez seja justamente por isso que ainda me lembro dela. Não porque me confundi. Mas porque foi ali que parei de buscar um alibi para a minha dúvida e decidi, enfim, respondê-la.

Foi só muito depois que percebi que talvez a página 130 nunca tivesse sido apenas uma página. O número parecia guardar silenciosamente aquilo que vivemos durante todo o percurso. O “1” era o sujeito lançado diante da experiência, sozinho diante da própria incompreensão. O “3”, como uma travessia de vozes, lembrava o movimento da reflexão: eu, o outro e o texto tentando construir algum ponto de encontro. E o “0” permanecia ali, redondo e aberto, como tudo aquilo que ainda não cabe completamente nas palavras. Talvez compreender seja exatamente isso: não eliminar o vazio, mas aprender a habitá-lo sem fugir dele.

Naquele momento, entendemos que a página 130 não representava apenas uma dificuldade de leitura. Ela simbolizava o caminho inteiro da aprendizagem: presença, reflexão e incompletude.

E talvez seja por isso que certas dúvidas permanecem conosco mesmo depois das respostas. Não porque fracassamos em entendê-las, mas porque algumas compreensões não chegam para encerrar o pensamento. Chegam para inaugurá-lo.

Referência

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019 [1926].



fala tu!

